

TRANSFORMAÇÕES URBANAS, MIGRAÇÃO, IMIGRAÇÃO E “QUESTÃO SOCIAL” EM MONTEVIDÉU ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E COMEÇOS DO SÉCULO XX

GEORGE ARAÚJO*

Resumo: O presente trabalho busca relacionar as transformações urbanas, a migração interna, a imigração e a questão social, que acreditamos ser temas fundamentais para uma compreensão mais clara e uma visão de conjunto sobre a história do movimento operário latino-americano em Montevideu entre fins do século XIX e começos do século XX. Como pensar a cidade e o espaço urbano, quando estes são “invadidos” pelos trabalhadores no final do século XIX devido às transformações que a industrialização acarretou ao mundo do trabalho e que engendraram a constituição de uma cultura urbana?

Palavras-chave: Montevideu; Transformações urbanas; Migração; Imigração; Questão social.

Abstract: *Urban transformations, migration, immigration and the “social question” in Montevideo between the end of the 19th and the beginning of the 20th centuries. This paper aims to relate the urban transformations, the internal migration, the immigration and the social question which we believe to be fundamental issues towards a better and more complex understanding of the history of the latin-american labour movement in Montevideo between the end of*

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: <georaujo@ymail.com>.

the 19th and the beginning of the 20th centuries. How to think the city and the urban space, when they are “invaded” by the workers at the end of the 19th century due to the transformations that the industrialization provoked in the labour world and led to the constitution of an urban culture?

Key-words: *Montevideo; Urbans transformations; Migration; Immigration; Social question.*

Introdução

Por volta do final do século XIX, muitas cidades latino-americanas atravessaram uma série de transformações, que foram desde o surgimento de novos setores em sua estrutura social até mudanças nos costumes e nas preferências da população urbana, provocando, a partir disso, redefinições em seus aspectos espaciais, arquitetônicos e urbanísticos.

Embora nem todas tenham experimentado tal processo, e tendo em conta o fato de que o mesmo não se deu da mesma maneira em todas as cidades do que hoje chamamos de “América Latina”, esse conjunto de alterações exerceu um enorme impacto nos países da região, pois ocorreram, nas capitais e principais cidades, muito particularmente nas portuárias, que eram o centro da vida política, econômica e social de cada uma daquelas nações. Em grande medida, essas modificações foram motivadas por três fatores principais.

O primeiro era a necessidade de uma melhor integração ao mercado mundial, na condição de periferia ao mesmo tempo fornecedora de matérias-primas para os países industrializados que compunham o centro do sistema e potencial consumidora de produtos manufaturados fabricados por eles. O segundo, a dinâmica de urbanização e modificação da paisagem urbana existente, acompanhado por investimentos em infraestrutura, muitas vezes exigidas por diplomatas das potências centrais para concessão de créditos e empréstimos financeiros; sendo que essas obras de infraestrutura eram, quase em sua totalidade, levadas a cabo por empresas também estrangeiras. O terceiro era a sensação – estimulada pela propaganda oficial que buscava atrair mão de obra para as indústrias e para o setor de serviços em expansão – de que as cidades latino-americanas, onde se desenvolviam novas fontes de trabalho e modos de vida, estavam a propiciar reais e ilimitadas oportunidades de ascensão social e progresso material para quem quer que fosse. Isso acabou por atrair uma multidão oriunda da zona rural, e também estrangeiros – europeus em sua maioria – que enxergavam nas cidades do Novo Mundo uma possibilidade de escapar da pobreza de suas terras natais, ou mesmo subir vários degraus na pirâmide social.

A capital uruguaia, Montevidéu, foi uma das cidades que viveu essas transformações. Esses fatores tiveram o efeito não apenas de desestruturar uma organização sociopolítica e econômica oriunda do passado colonial, mas também terminaram por estabelecer

modos de viver mais sintonizados com a “vida moderna”. Além disso, distanciaram ainda mais a cidade – material e espiritualmente – das outras urbes do país.

Transformações econômicas e sociais em Montevideú

Por volta de meados do século XIX, o Uruguai já se encontrava bastante integrado ao mercado capitalista mundial interdependente que se configurava, no papel de fornecedor de produtos pecuários (principalmente charque, couros e lã) às economias centrais, sobretudo a da Grã-Bretanha. Integração que havia sido, no âmbito nacional, um projeto dos principais estancieros fundadores da *Asociación Rural* e que contou com o apoio dos grandes comerciantes locais e dos governos de cunho militarista dos políticos colorados, Lorenzo Latorre e Máximo Santos, os quais, durante seus mandatos – 1876-1880 e 1882-1886, respectivamente – buscaram modernizar, fortalecer e centralizar os aparatos político, administrativo e judicial do Estado, bem como apoiaram a transformação das relações de trabalho no campo.

Na zona rural, o cercamento das propriedades e a expansão do latifúndio forçaram a expulsão de muitos camponeses das terras nas quais viviam. Alguns formaram pequenos povoados em localidades próximas a essas terras e que, dadas as péssimas condições de vida existentes ali, logo foram chamadas de *pueblos de ratas*. Muito mais que um motivo de preocupação social, essa massa de indivíduos desalojados das estâncias constituía um motivo de pre-

ocupação política para os grupos possuidores, já que havia ali um potencial “*contingente disponible para levantamientos nada deseables.*”¹ Contudo, a maioria se dirigiu mesmo às cidades em busca de trabalho, impulsionando o crescimento dessas, principalmente da capital, Montevidéu, que absorveu a maior parte desse fluxo.

Se as elites urbanas da capital estavam acostumadas a consumir todo o tipo de produtos importados e buscavam emular um certo “gosto europeu” nas maneiras de vestir-se, alimentar-se, e, mais genericamente, “viver” o súbito aumento populacional veio acompanhado do crescimento do mercado consumidor urbano (por mais limitada que fosse a capacidade de consumo dos estratos sociais mais baixos), bem como a demanda por uma gama extensa de novos produtos e serviços. Esse fato, somado ao decreto das leis alfandegárias protecionistas de 1875, 1886 e 1888 provocaram o surgimento de uma variada – ainda que tímida – produção manufatureira que se somou à tradicional indústria saladeira nacional.

*Molinos, fideeras, curtiembres, tejedurías, carpinterías, imprentas, herrerías, mueblerías, zapaterías, fábricas de cigarrillos, jabón, velas, creolina, vinos y aceites constituyeron parte de los emprendimientos industriales de la época. Algunos eran en esencia talleres artesanales, aunque otros [...] fueron grandes establecimientos para la época, dotados de importantes avances tecnológicos.*²

¹ MÉNDEZ VIVES, Enrique. *Historia uruguaya: el Uruguay de la modernización (1876-1904)*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, p. 72.

² RODRÍGUEZ, Universindo et al. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevidéu: Taurus, 2006, p. 16.

Esse processo de industrialização inicial, somado ao crescimento da cidade e à expansão de serviços públicos essenciais, como iluminação pública e asfaltamento das principais vias, levou a um aumento significativo do número de trabalhadores urbanos que, com o advento da imigração européia, modificou o desenho da estrutura social do país.

Os apontamentos feitos por José Luís Romero em seu clássico estudo sobre o desenvolvimento das cidades latino-americanas aplicam-se, em grande medida, a Montevideu. Romero chama a atenção para a fluidez das sociedades latino-americanas urbanas do período e para a “mobilidade das sociedades urbanas” que passou a caracterizá-las. Com efeito, o crescimento vegetativo e a alteração demográfica resultante dele, somado ao êxodo rural e à imigração, fizeram com que o território em que antes havia um lugar determinado para cada um começasse a ter

[...] una ola de aspirantes a cada lugar; y no eran solamente los recién llegados con vocación por la aventura quienes destruían la harmónica y estable sociedad tradicional, eran también los que ya hacían parte de ella sin participar, como marginales, muchos de los cuales empezaban a incorporarse porque poseían aptitudes y aparecía la ocasión de que las demostrarán. El “nuevo rico”, el pequeño comerciante afortunada, el empleado emprendedor, el artesano habilidoso, el obrero eficaz y todos los que descubrían en la intrincada trama de las actividades terciarias una veta que explotar, se abrieron paso por entre los recovecos del armazón social y terminaron por dislocarlo. No era ése su objetivo, ciertamente. Cada uno de los que ascendían aspiraba a situarse en la sociedad tradicional, a ser uno más en ella, a disfrutar de los beneficios y los goces que importaba ser uno de sus miembros, como los que la integraban de tiempo inmemorial. Pero el resultado

fue que el almacón no pudo resistir tantas nuevas inclusiones y comenzó a dislocarse. De pronto, el viejo patriciado descubrió, antes que nadie, que su ciudad, “la gran aldea”, comenzaba a transformarse en un conglomerado heterogéneo y confuso, en el que se perdían poco a poco las posibilidades del control de la sociedad sobre cada uno de sus miembros, a medida en que desaparecía la antigua relación directa de uno con los otros.³

Uma nova burguesia, industrial, dinâmica, despersonalizada e anônima, pouco presa ao passado, composta por pessoas que originalmente eram funcionários de grandes empresas estrangeiras ou de bolsas de valores, especuladores de todo tipo, especialistas em negócios (legais e ilegais) substituíam esse patriciado no papel de principal agente dessa economia em franca mutação. Isso, claro, não exclui o fato de que a maior parte de seus membros tenham empenhado suas fortunas e energias para “transformar-se” em burguesia, muitos deles obtendo sucesso. Para consolidar sua liderança e garantir a aprovação de leis que as beneficiassem, essas novas burguesias trataram de controlar, além do mundo dos negócios, a esfera da política regional e nacional.

Por outro lado, as camadas médias urbanas se modificavam, cresciam, se diversificavam. Estimulados pela sensação de oportunidade que a vida urbana proporcionava, vários setores delas sonhavam em ascender, de alguma maneira, ao seleto grupo da burguesia.

³ ROMERO, José Luís. *América Latina: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976, p. 260.

Por sua vez, as camadas mais populares ansiavam em alcançar o padrão de vida e de consumo das classes médias.

Não se pode negar que certos indivíduos – fossem os oriundos das classes populares, fossem os oriundos das classes médias – tiveram sucesso em ascender socialmente. Entretanto, a maioria da população urbana descobriu que o novo sistema que rapidamente se configurava e transformava a vida nas cidades, se bem possuía uma inegável fluidez, essa não era ilimitada; e havia limites que a estrutura socioeconômica não permitia que fossem rompidos.

Transformações urbanas, arquitetônicas e paisagísticas nas cidades latino-americanas

Como afirmamos anteriormente, as cidades que naquele período foram integradas mais fortemente ao mercado internacional sofreram, em geral, profundas intervenções urbanísticas e em seu traçado urbano.

Romero sustenta que, de maneira geral, à transformação necessária que muitas cidades passaram devido ao seu crescimento (extensão do saneamento básico, mais opções de transporte, iluminação pública, etc), outras mudanças deliberadas foram sendo implementadas.

Mientras las ciudades se extendían poblando zonas periféricas, el casco viejo de la ciudad conservaba su aspecto tradicional, muchas veces deteriorado por el tiempo y la presencia de grupos sociales modestos que ocupaban las viejas casonas. Las nuevas burguesías se avergonzaban de la humildad del aire colonial que conservaba el centro de la ciudad y, donde pudieron, trataron de transformá-lo, sin vacilar,

*en algunos casos, en demoler algunos sectores cargados de tradición. La demolición de lo viejo para dar paso a un nuevo trazado urbano y a una nueva arquitectura fue un extremo [...] pero se transformó en una aspiración que parecía resumir el supremo triunfo del progreso.*⁴

A ideia era aparentar uma imagem moderna, com largas avenidas que unissem pontos distantes da cidade, prédios públicos fabulosos, parques e praças majestosos, valorização da perspectiva. A cidade deveria impressionar aos seus visitantes, especialmente se esses fossem europeus. Costuma-se apontar, nessas mudanças, uma grande influência dos princípios urbanísticos que orientaram as reformas que o Barão Haussmann levou a cabo em Paris, entre 1853-1870, e que a consagraram como a “capital da modernidade”.⁵

Vejamos como esse processo ocorreu em Montevideú.

Transformações urbanas, arquitetônicas e paisagísticas em Montevideú

Em 1724, Montevideú havia sido fundada como uma fortaleza militar, e no final do século XIX, a maioria da população ainda se concentrava nos bairros situados nas imediações da “Ciudad Vieja” (a cidade colonial). Nesse período, o “Consejo General de Obras Públicas” de Montevideú decidiu pela adoção de um plano urbanístico fortemente inspirado nas concepções de Haussmann, que o arquiteto Norberto Maillart havia apresentado em 1887. A partir

⁴ ROMERO, op. cit., 1976, p. 275.

⁵ HARVEY, David. *Paris: Capital of modernity*. Nova York: Routledge, 2003.

dessa época teve início uma série de mudanças, como a expansão da zona urbana às regiões mais afastadas do centro, como Paso Molino, o crescimento de subúrbios, como Colón, Cerro, Miguelete e Maroñas, a construção de avenidas, como 18 de Julio e Agraciada, a extensão da orla até Pocitos e Carrasco, a implantação de várias linhas de bonde, a inauguração da iluminação pública em 1887, a construção de vários edifícios públicos administrativos, faculdades e a Prisão de Punta Carretas e da Estación del Ferrocarril Central (Artigas), em 1897.⁶ Além disso, foram erguidas várias “habitações populares” no Barrio Sur para a população pobre que residia na área central. Essas casas, de dois a três andares, onde conviviam várias famílias por andar, devido à pobreza e à falta de recursos, logo se tornaram *conventillos*, uma espécie de cortiço.⁷

Entre os planos de desenvolvimento urbano também figuravam planos de “embelezamento da cidade”, que contemplavam projetos para a construção de estátuas e monumentos, sete praças na zona nova da cidade e ainda a criação de vários parques, como os atuais Prado e Parque Rodó. Ademais, foi preciso regulamentar de alguma maneira a instalação de indústrias em bairros residenciais. Em 1902, surgem os primeiros decretos sobre a localização de estabelecimentos

⁶ A prisão, inaugurada em 1915, foi o destino preferencial que as autoridades do país deram a muitos anarquistas, socialistas, tupamaros e outros presos políticos até ser desativada em 1986, após um grande motim. Em 1991, começaram as obras que a transformaram no Punta Carretas Shopping, inaugurado em 1994.

⁷ ABELLA TRÍAS, Julio C. Arquitectura y urbanismo. *Cuadernos de Marcha* n. 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914). Montevideo: Marcha, 1969, p. 77-81.

insalubres ou perigosos, casas de inquilinato, cemitérios, fábricas, etc, que foi um primeiro passo para uma “zonificação” da cidade, ou seja, “colocar cada um em seu devido lugar.” A partir de 1905, começou certa verticalização do espaço urbano, com a aprovação de uma lei sobre alturas mínimas de edifícios e, também, diretrizes para a disposição das larguras de ruas e avenidas que já visavam solucionar alguns problemas de trânsito veicular. Cabe salientar que em 1908 a cidade possuía 550.000 habitantes, metade da população total do país. Finalmente, em 1911, um plano urbanístico propunha uma série de modificações no traçado da cidade, entre as quais se destacavam a construção de uma avenida que unisse o recém-inaugurado Palácio Legislativo com o Palácio Municipal, a modernização do porto de Montevidéu, a canalização de alguns arroios e o remodelamento de partes da orla e do sistema viário em geral.

O objetivo oficial declarado dessas intervenções urbanas era o de modificar o aspecto da cidade para permitir um melhor deslocamento e circulação de bens e pessoas⁸; ao que poderíamos agregar também uma melhor circulação de capital e das forças de segurança e repressão, isso porque as reformas urbanas e a industrialização vieram acompanhadas do aumento dos conflitos entre trabalhadores, governos e patrões, marcadas pelo que se convencionou chamar de “questão social”.

⁸ ABELLA TRÍAS, op. cit., 1969, p. 82-86.

Imigrantes e movimento operário

A configuração da incipiente industrialização ao redor de Montevidéu e das reformas urbanas às quais fizemos referência, coincidiu com a chegada à região do Rio da Prata de um contingente significativo de imigrantes europeus, oriundos, sobretudo, de regiões pobres da Itália e da Espanha, que atravessaram o Oceano Atlântico para fugir da crise que assolava o Velho Continente em busca de melhores condições de vida. Calcula-se que entre 1870 e 1914, cerca de 40 milhões de pessoas deixaram a Europa. No que diz respeito à América do Sul, a maioria desses imigrantes concentrou-se na Argentina (principalmente ao redor de Buenos Aires), no sul do Brasil e no Uruguai (sobretudo em Montevidéu). Ainda que as autoridades uruguaias não organizassem, não estimulassem e não oferecessem garantias mínimas de trabalhos aos que se dirigiam ao país, em algumas localidades da “República Oriental”, os imigrantes chegaram a responder por um percentual tão elevado da população que, para o conjunto da sociedade uruguiaia, Germán Rama defende que

La relación entre población receptora y población extranjera [fue] de tal característica que no hubo posibilidad de asimilación en el sentido clásico de la expresión. La sociedad receptora fue “ahogada” por la migración de forma tal que no existió la posibilidad de aculturizar la masa extranjera a la sociedad receptora. En vez de asimilación es necesario hablar de fusión de dos grupos en una nueva sociedad cuyas características no fueron propias ni de la sociedad receptora ni de los grupos migrados.⁹

⁹ RAMA, Germán apud MÉNDEZ VIVES, Enrique. *Historia uruguaya: el Uruguay de la modernización (1876-1904)*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, p. 37.

Pese o fato de que a maioria dos imigrantes fosse de origem camponesa, eles constituíam um grupo heterogêneo no qual figuravam pintores, vidraceiros, pedreiros, carpinteiros, etc. A maior parte desses indivíduos buscou trabalho nas fábricas e oficinas artesanais situadas nos arrabaldes de Montevideú, somando-se aos locais e levando à emergência e configuração de uma pequena massa de trabalhadores fabris e artesanais – estrangeiros em sua maioria. Com alguns desses imigrantes vieram também as ideias, que se alastravam pela Europa, de reforma ou mesmo transformação radical do sistema socioeconômico vigente. Essas ideias influenciaram o movimento operário local, que começou a buscar meios de se organizar para a luta econômica e sindical. Além da insalubridade e dos salários irrisórios, os trabalhadores não contavam com nenhum tipo de legislação trabalhista ou redes de proteção social e cumpriam jornadas que, às vezes, ultrapassavam quinze horas diárias.¹⁰ Apesar disso, a atividade sindical, até 1895, foi escassa, recrudescendo a partir desse ano.

A “questão social”

Com a imigração e o crescimento do número de trabalhadores, começou a se formar um movimento operário no país que teria repercussões não apenas no mundo do trabalho.

¹⁰ RAMA, Carlos. La “cuestión social”. *Cuadernos de Marcha n. 22*: Montevideo entre dos siglos (1890-1914). Montevideú: Marcha, 1969, p. 64.

Fue en esos años [...] que se modelaron en los espacios populares ideas de igualdad, justicia, fraternidad, emancipación, solidaridad que, tributarias de matrices ideológicas internacionalistas y reflejo de la masiva inmigración europea, fueron adquiriendo especificidad e instalando en la sociedad uruguaya la cuestión social. Un proletariado industrial numéricamente reducido, con amplios espacios de tono artesanal, fundó las primeras organizaciones de trabajadores bajo la forma del mutualismo y otras organizaciones clasistas que fueron consolidando la presencia de valores propios de los trabajadores en el debate y en la construcción del Uruguay moderno.¹¹

A paisagem política modificou: classes médias e trabalhadores buscavam intervir de alguma forma na vida política do país. Nesse sentido, houve a criação de partidos políticos (reformistas, liberais, radicais, socialistas, comunistas, entre outros), a organização de passeatas, manifestações e greves. Operários editavam jornais e revistas com ideias anarquistas ou socialistas e criavam centros de estudos, alfabetização e ajuda mútua. Em suma, a vida na cidade adquiriu, cada vez mais, importância, pois se tornou portadora e propiciadora de outras expectativas.

Por outro lado, o modelo de sociedade defendido pelas elites agora deveria, necessariamente, levar em conta a “questão social”. Em 1903, o líder colorado¹² reformista José Battle y Ordóñez¹³ subiu ao poder. Acreditando que os conflitos sociais engendrados pelo

¹¹ RODRÍGUEZ, op. cit., 2006, p. 15.

¹² Estamos nos referindo ao Partido Colorado, fundado em 1836. Juntamente com o Partido Nacional (Blanco), é um dos dois partidos tradicionais do Uruguai.

¹³ José Battle y Ordóñez foi presidente por dois mandatos: 1903-1907 e 1911-1915.

capitalismo poderiam ser evitados no Uruguai, desde que o Estado intervesse decididamente na vida social e econômica, Batlle e seus aliados aprofundaram o processo de secularização, modernização e democratização das instituições. Ao mesmo tempo, preocuparam-se por encontrar mecanismos de integração social, implementando uma legislação sem precedentes na América Latina: salário mínimo, paridade salarial para as mulheres, um dia de descanso semanal, pensões para os aposentados, proibição do trabalho infantil, expansão do ensino primário gratuito, etc.¹⁴

O alcance e a repercussão dessas reformas foram enormes, causando a ira dos conservadores e exercendo notável influência e certa atração sobre o movimento operário e social da época. Não obstante, a maioria dos trabalhadores manteve sua independência organizacional, e, em 1905 foi fundada a *Federación Obrera Regional Uruguaya* (F.O.R.U.), o primeiro espaço de efetiva unidade sindical do país. Entretanto, disputas políticas, programáticas e organizacionais internas, somadas às diferentes e muitas vezes conflitantes interpretações das conjunturas nacionais e internacionais, levariam a F.O.R.U. a alternar períodos de intensa atividade com outros de crise militante. Contudo, também o reformismo “battlista” logo encontraria seus limites, com a mudança da conjuntura econômica internacional e a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

¹⁴ FREGA, Ana. La formulación de un modelo. 1890-1918. In: FREGA, Ana et al. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008, p. 17.

Culturas urbanas e modernidade

Pensar os trabalhadores na cidade é remeter-se a uma “cultura urbana”, ou a várias “culturas urbanas”, isto é, a conjuntos de práticas sociais, políticas, culturais, artísticas e esportivas levadas a cabo em um determinado espaço urbano por um grupo específico.¹⁵ Para tanto, é preciso que sejam considerados o tempo e o espaço de seu desenvolvimento. Como vimos, as mudanças no aspecto das cidades acompanharam-se de modificações na sociedade, em suas ideias e estilos de vida, trazendo consigo novas formas de expressão cultural, social e artística. As cidades latino-americanas mudavam em muitos âmbitos e o “viver na cidade” ia conformando novas e diversificadas culturas urbanas.

Burguesias, classes médias e trabalhadores criaram associações de interesse baseados em atividades comuns, clubes sociais, recreativos e artísticos. Por sua vez, os trabalhadores organizaram ainda sociedades de ajuda mútua, sindicatos e entidades de classe. Tais organizações pressupunham uma espécie de “geografia associativa”, conceito cunhado pelo historiador Cláudio Batalha em um estudo sobre os trabalhadores no Rio de Janeiro de começos do século XX.¹⁶

¹⁵ FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 123-148, 2002.

¹⁶ BATALHA, Cláudio H. M. A geografia associativa: associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da Primeira República. In: AZEVEDO, Elcione et al. (Orgs.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Unicamp, 2009.

Em outras palavras, a partir de elementos materiais, havia a atribuição de um sentido simbólico para os locais onde eram estabelecidas as sedes das entidades, bem como para os lugares, maneiras de se comportar e indumentária escolhidos pelos trabalhadores para seus protestos e ocupações do espaço urbano. Buscava-se difundir valores, ideias, projetos, expectativas, visões de mundo e de sociedade próprios através desses atos, ocupações e manifestações.

Apesar de questionados por setores da classe trabalhadora, das classes médias e dos estudantes, os valores burgueses e o modelo de cultura urbana das burguesias urbanas em Montevidéu, e na maioria das cidades latino-americanas, permaneceram hegemônicos no período que se estende de 1880 a 1930, ainda que modificados devido à própria experiência histórica.¹⁷

Considerações finais

Partimos da hipótese de que relacionar as transformações urbanas e paisagísticas experimentadas pela cidade de Montevidéu entre fins do século XIX e começos do século XX com o movimento operário, que se desenvolveu naquela época, proporciona um entendimento mais completo deste tema ou, ao menos, lança luz sobre problemáticas que frequentemente são vistas como “pouco relevantes”. O que pensamos ter confirmado neste breve trabalho é que existe uma forte conexão entre as transformações urbanas, econômicas e sociais.

¹⁷ ROMERO, op. cit., 1976, p. 307.

Lamentavelmente, as transformações urbanas, ou seja, as modificações da paisagem urbana, foram, durante muito tempo, e em grande medida ainda são, negligenciadas por muitos historiadores que trabalham com temas que, de alguma maneira, estão vinculados ao espaço urbano e às cidades.

Contra a “naturalização” da paisagem que faziam, tanto a geografia tradicional quanto a história tradicional, já havia se insurgido o historiador francês Fernand Braudel. Ele afirmou no prefácio de sua obra-prima, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*, que os historiadores não mais podiam contentar-se com aquelas

[...] tradicionais introduções geográficas à história, inutilmente lançadas para o princípio de cada livro, com descrições do mundo físico das atividades agrícolas e das flores; paisagens, atividades e flores que se demonstram rapidamente e de que depois se não volta a falar, como se as flores não regressassem todas as Primaveras, como se os rebanhos parassem nas suas migrações, como se os navios não navegassem num mar real, que se muda com as estações do ano.¹⁸

Também já é hora de nós, historiadores, deixarmos de pensar a cidade e sua disposição física, o formato de suas ruas, a localização dos bairros, fábricas, usinas, centros de comércio, espaços de lazer, clubes, possibilidades e dificuldades de mobilidade e transporte como um mero “pano de fundo” para o desenrolar das ações, dos eventos, dos fatos e dos acontecimentos. É preciso entender a

¹⁸ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*. Lisboa: Edições Europa-América, 1964, p. 17.

cidade de maneira integral, considerando-a em sua complexidade e multiplicidade como parte inextrincável da realidade social. Em outros termos, não devemos naturalizar o espaço urbano, uma vez que tanto este quanto as categorias por meio das quais nos referimos a ele também são construções sociais que devem ser pensadas e problematizadas.

Referências Bibliográficas

ABELLA TRÍAS, Julio C. Arquitectura y urbanismo. *Cuadernos de Marcha n. 22*: Montevideo entre dos siglos (1890-1914). Montevideu: Marcha, 1969.

BATALHA, Cláudio H. M. A geografia associativa: Associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da Primeira República. In: AZEVEDO, Elcione et al. (Orgs.). *Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Unicamp, 2009.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*. Lisboa: Edições Europa-América, 1964.

D’ELÍA, Germán; MIRALDI, Armando. *Historia del movimiento obrero em el Uruguay: desde sus orígenes hasta 1930*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.

FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 123-148, 2002.

FREGA, Ana. La formulación de un modelo. 1890-1918. In: FREGA, Ana et al. *Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.

HARVEY, David. *Paris: Capital of modernity*. Nova York: Routledge, 2003.

MÉNDEZ VIVES, Enrique. *Historia uruguaya: El Uruguay de la modernización (1876-1904)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

RAMA, Carlos. La “cuestión social”. *Cuadernos de Marcha n. 22: Montevideo entre dos siglos (1890-1914)*. Montevideo: Marcha, 1969.

RODRÍGUEZ, Universindo et al. *El sindicalismo uruguayo a 40 años del congreso de unificación*. Montevideo: Taurus, 2006.

ROMERO, José Luís. *América Latina: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.

Recebido em 11 de março de 2011; aprovado em 12 de dezembro de 2011.